

LITERATURA E HISTÓRIA: A REALIDADE DAS MULHERES ÓRFÃS NO BRASIL COLONIAL NO LIVRO DESMUNDO

LITERATURE AND HISTORY: THE REALITY OF ORPHANS WOMEN IN COLONIAL BRAZIL IN THE BOOK OF DESMUNDO

Recebido: 18/02/2022

Aprovado: 25/07/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2835

Francisca Katrine de Carvalho Souza¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0193-0608>

Wheriston Silva Neris²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0296-2874>

Resumo: O estudo desenvolve-se a partir da análise interpretativa do livro *Desmundo* (1996) da escritora Ana Miranda³. O propósito é apontar a relevância da narrativa literária para o entendimento da experiência histórica e cultural de mulheres no Brasil colonial. Procura-se articular o diálogo interdisciplinar entre literatura e história, tendo por foco a narrativa do romance acerca da vinda de jovens órfãs de Portugal para o Brasil com o intuito de casamento. Oribela, a narradora-personagem, conta a história colonial a partir do seu ponto de vista, explorando o tema da submissão feminina na sociedade dentro desses marcos históricos. Assim, ao explorarmos os diálogos profícuos entre narrativa histórica e narrativa literária, abrimos espaço tanto para problematizar os modos tradicionais de representação do tempo, como também a própria riqueza da obra para o entendimento do universo cultural, social e subjetivos das mulheres no tempo. A metodologia consistirá em uma reflexão interpretativa com base na pesquisa bibliográfica. Como referencial teórico de abordagem, dialogaremos com: Del Priore (1993), Ferreira (2013), White (1994), Burker (1992), Barros (2010), entre outros.

Palavras chaves: Literatura; História; Brasil colonial; Mulher.

Abstract: The study is developed from the interpretative analysis of the book *Desmundo* (1996) by the writer Ana Miranda. The purpose is to point out the relevance of literary narrative for the understanding of the historical and cultural experience of women in colonial Brazil. It seeks to articulate the interdisciplinary dialogue between literature and history, focusing on the narrative of the novel about the coming of young orphans from Portugal to Brazil with the intention of marriage. Oribela, the narrator-character, tells the colonial story from her point of view, exploring the theme of female submission in society within these historical frameworks. Thus, when we explore the fruitful dialogues between

¹ Estudante do curso de Pós-graduação em Letras, Campus Bacabal da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: katrinephb2012@gmail.com

² Professor Adjunto de Sociologia do Campus III da Universidade Federal do Maranhão, possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Maranhão (DEHIS/UFMA), mestrado em Ciências Sociais - PPGCSO/UFMA e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFSE), com estada de doutoramento junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/CESSP) e à Ecole Normale Supérieure, Centre Maurice Halbwachs (Paris, 2013). Atualmente integra os seguintes programas de pós-graduação como docente permanente: Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFMA/Imperatriz) e o Programa de Pós-Graduação em Letras (UFMA/Bacabal). Seus estudos se concentram nos domínios da Sociologia Histórica do Catolicismo, Sociologia Política, Sociologia da Cultura, Elites e Grupos Dirigentes. E-mail: wheriston.neris@ufma.br

³ A autora se tornou conhecida no cenário literário em 1978, com o livro *Poética Anjos e Demônios*, depois com *Boca do inferno* (1989), ganhou o prêmio Jabuti. Outras obras suas, são: *O Retrato do Rei* (1991), *Sem Pecados* (1993), *A última Quimera* (1995), *Desmundo* (1996), *Amrik* (1997), *Clarice* (1998) e *Dias & Dias* (2002).

historical narrative and literary narrative, we open space both to problematize the traditional ways of representing time, as well as the very richness of the work for the understanding of the cultural, social and subjective universe of women in time. The methodology will consist of an interpretative reflection based on bibliographic research. As a theoretical framework of approach, we will dialogue with: Del Priore (1993), Ferreira (2013), White (1994), Burkner (1992), Barros (2010), among others.

Keywords: Literature; History; Colonial Brazil; Women.

Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo o livro *Desmundo* publicado em 1996 pela escritora cearense Ana Miranda, e que tem como foco a experiência feminina no Brasil colonial. Quem conta a história, é a jovem Oribela e a narrativa tem início em 1555, quando chega à colônia portuguesa uma caravela trazendo órfãs enviadas de Portugal para se casarem com os cristãos portugueses que habitavam na nova terra. A narrativa nos conduz a mergulhar em um universo sociocultural distanciado no tempo, em pleno século XVI, e constitui um convite particularmente profícuo para experiências outros modos de representação do tempo vivido.

Partindo dessa perspectiva, com a presente escrita buscamos promover o diálogo interdisciplinar entre literatura e história, tendo por foco o romance supramencionado. Propõe-se examinar como Ana Miranda, através da voz narrativa, representa o feminino nesse contexto histórico dos primeiros anos, no Brasil colônia, e de que forma a história é apresentada sob novos ângulos, pelo suposto olhar de uma mulher da época, transposto pela mão de uma escritora brasileira contemporânea. O tema não é menos desafiante, pois, a despeito de já serem conhecidas as peculiaridades demográficas do período recortado, pelo menos desde Gilberto Freyre (2000), praticamente inexitem fontes que permitam um resgate historiográfico da percepção subjetiva dessas mulheres - o que não constitui propriamente um obstáculo à imaginação literária.

Propõe-se examinar como Ana Miranda, através da voz narrativa, representa o feminino nesse contexto histórico dos primeiros anos, no Brasil colônia, e de que forma a história é apresentada sob novos ângulos, pelo suposto olhar de uma mulher da época, transposto pela mão de uma escritora brasileira contemporânea.

Além disso, destacamos as riquezas de detalhes presentes no romance desde a chegada das órfãs ao Brasil, o que exhibe um importante diálogo entre a produção literária e a científica. A autora descreve os colonizadores, a natureza, mostra a relação dos índios com os portugueses, padres e entre os índios e inimigos. Assim é possível compreender a relação de poder entre os diferentes grupos que participaram

do processo de formação da sociedade colonial, os quais já foram objeto de inúmeros debates no campo do pensamento social brasileiro (REIS, 1999). A abundância de detalhes e informações do contexto não comprometem a narrativa do romance e tampouco sua qualidade estilística, cuidadosamente ambientadas no universo ali representado (ESTEVES, 1995).

Com efeito, a originalidade da combinação entre narrativa literária e histórica não deixou de ser captada por diversos analistas (FRANZ, 2008; GOMES, 2000; MORAES, 2009; OLIVEIRA, 2014). Segundo as palavras de Priscila Reis Franz em *A viagem de Oribela em Desmundo* (2008, p. 02), Ana Miranda, pertence a uma geração de autores reconhecidos por sua metaficção historiográfica, ou seja, suas obras geralmente partem de um personagem ou fato histórico que são fundidos, introduzidos na obra ficcional, a fim dar um valor de legitimidade à ficção. Visão semelhante à de Karla Viviane de Oliveira Santos (2019), para a qual o deslocamento de perspectiva operado na obra endossa não apenas a reinterpretação do passado, sua ressemantização, como também constitui uma tomada de posição crítica com relação à história considerada verdadeira.

Curiosamente, no entanto, como também ressalta Priscila Franz (2008, p. 02), a metaficção historiográfica surgiu após a ditadura militar visando apresentar os fatos por outros ângulos, notadamente valorizando a visão das minorias, dos vencidos, de maneira fragmentária. Trata-se aqui, não obstante, de um projeto interpretativo que não deixa de ter correspondências com tendências contemporâneas que estavam em curso dentro do próprio campo historiográfico, seja pelo ângulo de uma história vista de baixo (SHARPE, 1992), seja pelos efeitos do chamado giro linguístico e da revisão das relações entre texto historiográfico e texto literário (BARROS, 2010). Dessa discussão, cujos resquícios ainda se projetam atualmente, desenvolveu-se forte consciência teórica e epistemológica acerca da dimensão literariamente intrínseca da narrativa historiográfico sem que, não obstante, as exigências e condicionantes interpretativos que se impunham à análise científica e à imaginação ficcional fossem confundidos ou tornados equivalentes, vale dizer (BURKE, 1992).

Para o que importa destacar, *Desmundo* é de grande importância para o cenário literário por trazer uma personagem feminina para contar, sob seu ponto de vista, suas próprias experiências pessoais e subjetivas. Ilustrativo disso, Oribela conta sobre a vida restrita que tinha, os excessos de controle e proteção exercidos sobre a mesma

por seu tutor e, depois, marido (obrigada a casar com Francisco Albuquerque, Oribela foi forçada a manter relações sexuais).

Dessarte, para realizar os objetivos propostos, contamos com a metodologia de pesquisa bibliográfica, fazendo a verificação de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos. Nesse sentido, a abordagem escolhida para este trabalho é a qualitativa e visa explorar situações e experiências literariamente narradas para problematizar a variação de ângulos de observação dos fenômenos históricos e a própria forma e potencialidades oriundas da exploração de outros modos de narrar o passado. É, pois, mais a *transfiguração da realidade* (Ferreira, 2013) do que sua capacidade de apreensão fidedigna das experiências concretas que se encontra no cerne do exercício interpretativo ensejado.

Além disso, se tais empreendimentos ficcionais são úteis para a compreensão de contextos históricos específicos, principalmente em virtude do estreito diálogo estabelecido com pesquisas científicas produzidas na universidade, não o são menos para compreender práticas e costumes enraizados em nossa formação sociocultural, com permanências inquietantes até o tempo presente. Sim, por que Oribela tem algo a dizer não apenas sobre o passado, como também sobre o seu contexto de produção contemporâneo e as questões que são projetadas sobre o passado.

Tentando captar essas dimensões interconectadas, o presente texto divide-se em dois momentos. No primeiro, tentamos explorar a partir do próprio texto como as relações entre história e literatura vão sendo tecidas. Na sequência, voltamo-nos para a forma como a mulher é representada no interior da narrativa e o que ela nos diz sobre a vivência de mulheres no Brasil colônia. Por fim, retiramos algumas conclusões acerca das relações entre literatura e história, mencionado as possibilidades e desafios de experienciar outros modos de representação do tempo passado/vivido.

Diálogo entre a literatura e a história no livro *Desmundo*

Neste tópico, buscamos entender um pouco do diálogo entre literatura e história no livro *Desmundo*, além de conhecer sobre a importância da história vista de baixo e a história das mulheres, tomando como base o trabalho de Peter Burkert intitulado *A escrita da história: novas perspectivas* (1992), relacionando essas teorias com a narrativa analisada. Visto que na obra de Miranda temos uma representação sobre a

realidade de mulheres órfãs no Brasil no século XVI. Tendo em vista as novas abordagens historiográficas, a literatura passa a ter papel de destaque em pesquisas históricas. Desse modo, antes de mais nada, faremos logo a distinção entre história e ficção segundo, Hyden White:

A distinção mais antiga entre ficção e história, na qual ficção é concebida como representação do imaginável e a história como a representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ou equiparando-o ao imaginável. Assim concebidas, as narrativas históricas são estruturas complexas em que se imagina que um mundo da experiência existe pelo menos de dois modos, um dos quais é codificado como “real” e o outro se “revela” como ilusório no decorrer da narrativa. (WHITE, 1994, p. 115- grifos do autor)

Muitos procuram estabelecer até onde vai a história e até onde vai a literatura em uma determinada obra, porém é evidente que esta questão é muito difícil de ser solucionada uma vez que história e literatura se misturam em diversos momentos. Como se caminhassem lado a lado, discurso histórico e discurso literário se fundindo e formando uma narrativa rica em informações reais e ficcionais. Cabe ao historiador tratar dos fatos que realmente ocorreram, e ao literato, dos fatos que poderiam ter acontecido, ficando o historiador com a responsabilidade de discorrer a respeito da verdade e o outro com a verossimilhança.

Dessa forma, é que a literatura se diferencia da história, pois, enquanto a primeira não tem obrigação em representar ou reconstruir uma realidade para seus leitores, faz uso da imaginação, da criatividade. Por sua vez, a segunda, é o contrário, realizada para explicitar a confirmação da existência, por exemplo de um fato histórico. É pautada em dados e evidências, tem como objetivo retratar o fato da maneira mais próxima como ele realmente ocorreu.

Contudo, White, propõe que a história possui mais semelhanças com a literatura do que com as ciências convencionais, afirma que as narrativas historiográficas são “ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados como descobertos e cujas fontes tem mais em comum com seus equivalentes na Literatura do que com os seus correspondentes nas ciências” (1994, p. 98). Além disso, conforme, apresentado por White (1994), é preciso enfatizar que o uso de elementos criativos em narrativas históricas conceitua a história como um modo de olhar o passado, não necessariamente um modo a ser considerado único, absoluto e verdadeiro.

No capítulo, *A interpretação da história*, no livro *Trópicos do discurso, ensaios sobre a crítica da cultura* de Hayden White (1994). Discute-se a questão em que todas as narrativas históricas contêm um elemento de interpretação, a partir desse dado surge as indagações, será que não existiria mais fatos que o historiador pudesse incluir nos registros e que foi deixado de lado. O historiador precisa saber interpretar os dados relevantes para preencher as lacunas das informações a partir das inferências ou de especulações. Admitindo-se que todas as histórias são em certo sentido interpretações, faz-se necessário determinar até que ponto as explicações que os historiadores fazem dos acontecimentos passados podem ser qualificadas de relatos objetivos, se não rigorosamente científicos, da realidade.

Dessa forma, segundo White (1994) temos que o “historiador propriamente dito”, procura explicar o que aconteceu no passado mediante uma reconstrução precisa e minuciosa dos acontecimentos registrados nos documentos. Por outro lado, uma narrativa de cunho literário não tem esse mesmo interesse, esse desejo por chegar perto de um passado para poder existir, ou a fim de justificar-se, uma vez que não irá comprometer-se por tentar reconstruir um passado, na proporção em que sua existência justifica-se em um fato ficcional, isto é, não há a necessidade de um vínculo com o real, com a busca pelo mais próximo possível ao que de fato se sucedeu.

Nesse sentido, ressalta-se a importância que o fenômeno literário possui na constituição de uma sociedade e representação dela, e isso mostra o quão válido são os conhecimentos resultantes da análise (da historicidade) de uma obra literária.

Dessa maneira, feita a diferenciação entre ficção e história, abaixo, Sueli Santos Scremin apresenta as propriedades que caracterizam um romance histórico, o gênero no qual se encaixa a obra estudada neste artigo:

As principais características do romance histórico podem ser apontadas aqui como: o tema histórico sendo o ponto de partida; interação entre o ficcional e o histórico; tentativa de legitimar o plano histórico pelo uso de referências documentais numa interação com o universo criado ficcionalmente; tentativa de recuperar estruturas e estilos do passado; a escolha do tema geralmente moralizante e heroico; a opção em narrar sobre o passado, dando ao presente e ao futuro menos importância. As personagens representariam valores morais e éticos que, na maioria das vezes, são maneiras utilizadas pelo narrador como forma de criticar o momento presente. (SCREMIN, 2014, p. 31).

De acordo com as particularidades apresentadas na citação acima as quais constituem o romance histórico são perceptíveis no livro de Miranda, primeiro, o tema histórico, o qual é situado no período de colonização do Brasil, quando os portugueses firmaram moradia no país para fins de exploração. Além do mais, tem a carta do Padre Manuel da Nóbrega ao então rei de Portugal, pedindo para enviar mulheres brancas para a colônia. Por terceiro, temos a jovem Oribela, durante a narrativa apresenta os valores da sociedade e da religião vigentes da época.

A partir do exposto, temos uma fala de Taíse Neves Possani em *Ana Miranda, leitora de Clarice Lipector*, a qual caracteriza a obra de Ana Miranda como um livro que explora a temática histórica e se encaixa nesse perfil das narrativas contemporâneas nas quais tornaram-se frequente a utilização da temática histórica, ou melhor, “a releitura da história em um movimento de criação e atualização; também é característica crucial dessas narrativas a auto-reflexão. A criação literária tem sido o foco da própria ficção”. (POSSANI, 2009, p. 15).

Dessa forma, a partir da narrativa do romance *Desmundo*, observamos como a vida das órfãs era lançada à sorte, como no jogo de azar, mas onde quem perdia eram as mesmas, pois teriam que se lançar à triste aventura de vir ao Brasil, as quais tinham homens a espera para se apoderar das jovens como esposas, seus novos bens. O romance se apresenta, portanto, com inúmeras possibilidades de compreensão e de análise de uma dada realidade histórica.

Nesse sentido, segundo Scremin, como veremos na citação abaixo, o primeiro trecho de acontecimentos históricos descrito no livro é quando o Padre Manuel da Nóbrega faz o pedido ao rei de Portugal que mande mulheres brancas, para servir aos homens da colônia, a partir deste pedido é que são enviadas órfãs para casar-se com os colonos:

Os acontecimentos históricos podem ser identificados a partir de uma carta do Padre Manuel da Nóbrega ao então rei de Portugal, pedindo-lhe que mandasse órfãs a fim de se casarem com os portugueses no Brasil e, desta forma, estabelecer uma maior moralidade nos costumes destas terras, pois os colonos que para cá foram enviados estavam vivendo em pecado e libertinagem com as índias que encontravam. (SCREMIN, 2014, p. 80-81).

Abaixo temos a transcrição do trecho da carta na qual é feito o pedido para ser enviado as órfãs, trecho, este, retirado do livro de Ana Miranda antes de iniciar o primeiro capítulo, a partir desta carta desenvolve-se a história.

A' EL-Rei D. João
(1552)
JESUS

Já que escrevi a Vossa Alteza a fata que nesta terra há de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas órfãs, e si não houver muitas, venham de mistura delas e quaisquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaisquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do pecado. (MIRANDA, 1996, s/p).

Nessa perspectiva, em *Desmundo*, em muitos momentos, torna-se perceptível a descrição, assim como a narração de situações, crenças, relações, paisagem e costumes que remontam a época da colonização e norteiam a escrita do texto.

Após esse breve introdutório no qual se fez a diferenciação entre literatura e história, e apresentamos o trecho de acontecimento histórico presente no livro. Agora partiremos para conhecer as ideias defendidas por Peter Burkler (1992), achou-se importante trazer para este aporte teórico os conceitos apresentados no livro *A escrita da história: novas perspectivas*, dessa maneira conseguiremos entender a relevância dos estudos da história sob novos aspectos. Utilizaremos os capítulos *A história vista de baixo*, e *A história das mulheres*, escolheu-se esses dois pois na produção de Ana Miranda, temos Oribela, falando sob o seu ponto vista de determinados acontecimentos que muitas das vezes somente eram contados pela visão dos dominadores, dos homens, em uma sociedade em que a mulher ainda não tinha conseguido conquistar direitos sobre sua liberdade.

Dito isso, encontramos o seguinte trecho no qual conversa com o livro *Desmundo*, “tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes” (BURKER, 1992, p. 40), a história sempre foi contada sob a perspectiva dos ganhadores, enquanto que a outra versão da história foi deixada de lado, relegada ao esquecimento, como por exemplo, a visão da mulher, do negro sobre determinado fato, período histórico.

Dessa forma, no trabalho de Miranda, veremos essa ruptura, temos a voz de uma mulher narrando sob seu ponto vista o período colonial brasileiro, é o lado da história sendo contada vista de baixo, dado que as mulheres eram subalternizadas naquele período, eram vistas como propriedades do marido, nas quais serviam para satisfazer o esposo sexualmente e lhe dar herdeiros. Sob o mesmo ponto de vista, Wander de Melo Miranda escreve que “a originalidade do romance na cena brasileira

atual, ao constituir-se como fato histórico a que remete” com Miranda temos uma versão feminina da colonização e, ao mesmo tempo, superar os limites do (MIRANDA, 2008, p. 03), este é um diferencial do livro.

Além do mais, temos que essa perspectiva, *A história vista de baixo*, na qual cativou historiadores que ansiavam expandir os alcances de sua disciplina, além de “abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história”. (BURKER, 1992, p. 41).

Dessa forma, entende-se que com esse novo tipo de história, voltando-se para novos campos, percepções teremos possibilidades de visões diferentes, expandir os dados, conhecimentos sobre determinado período. Vemos essa nova possibilidade com a obra de Miranda, um olhar para a época colonial brasileira sob a perspectiva de uma mulher, permitindo ao leitor um novo olhar, novas experiências e sensações. Com Burker - complementamos que a história vista de baixo “vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos”. (BURKER, 1992, p. 62).

Aqueles que registram a história vista de baixo não apenas proporcionaram um “campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado, como também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas”. (BURKER, 1992, p. 62). Com base no que foi exposto, correlacionando com a obra *Desmundo*, percebe-se a importância desse tipo de estudo da história, o livro aqui analisado é um exemplo disso, nele, ao trazer uma narradora mulher para contar sob sua visão o processo de colonização no Brasil, como as mulheres eram tratadas, proporciona essa relação da literatura com a história, permitindo conhecer mais sobre fatos do passado sob novas perspectivas.

Como também, no capítulo *A história das mulheres* temos que, nas palavras de Burker (1992, p. 77) que a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história. “Tem tomado como axiomática a ideia de que o ser humano universal poderia incluir as mulheres e proporcionar evidência e interpretações sobre as várias ações e experiências das mulheres no passado”. Conforme, Burker que até os historiadores

que dedicavam seus trabalhos sobre a história das mulheres sofrem com estigmas “constantemente se deparam protestando contra as tentativas de relegá-los a posições que são meramente estranhas; também resistem aos argumentos que põem de lado o que eles fazem como sendo tão diferente que não pode ser qualificado de história” (1992, p. 95) tem-se buscado valorizar trabalhos de escritoras femininas antes deixadas de lado e que não tinham ganhado tanta valorização na época, quanto também buscado por personagens históricas femininas para que conceberam o olhar sobre determinado tempo ou fato.

Após a reflexão sobre a importância de estudar a história escrita por mulheres e sob a perspectiva feminina passaremos ao tópico seguinte no qual buscaremos entender como era a representação da mulher no período colonial brasileiro por meio da personagem Oribela. Ressalta-se como o exercício realizado em âmbito ficcional em trabalhos com esse perfil traz um ganho interpretativo sob o passado de identificação, empatia que pode ser útil para conhecimento históricos do passado e do tempo presente.

A mulher sob o olhar de Oribela

Após conhecer as relações entre a literatura e a história, entender alguns aspectos sociais e históricos da mulher no período do Brasil colonial, veremos a representação da mulher por meio da personagem Oribela, que é dominada por preceitos da igreja católica, da sociedade e tendo a vida controlada por homens. Nesse sentido, no período colonial brasileiro as mulheres brancas, tinham um papel controverso, primeiro, eram peças fundamentais para a construção da nova terra, pois serviam para os colonos casarem e procriarem, terem a constituição da tradicional família, porém, o outro lado é que a elas foi relegado um papel secundário ou quase invisível no meio social.

Ainda mais, o cotidiano feminino era marcado por rígido controle da sociedade e da igreja. O olhar que os portugueses tinham sobre as mulheres era preconceituoso e discriminador, enxergando-as como seres inferiores. Já no início da viagem, as mulheres nas embarcações são vistas como portadoras de má sorte para as viagens pois segundo Mary Del Priore em *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia* eram consideradas “baús cheios de pedras muito grandes e pesados”, não servem para ajudar no serviço marítimo; muito pelo contrário,

até atrapalham, pois tiram a concentração dos marujos e só sabem reclamar sem motivo algum, só pelo prazer, “feito os demos”. (DEL PRIORE, 1993, p. 24). Essa visão diabólica da mulher vem desde a concepção de Eva, vista como símbolo dos pecados e da perdição.

No livro, *Desmundo*, ambientado no século XVI, a obra traz uma revisitação histórica do período colonial brasileiro através da perspectiva de uma figura feminina. Uma órfã que é trazida de Portugal para o Brasil com o fim de casar-se. Segundo Marizéte Abreu em *Do histórico ao literário: as personagens femininas como agentes de transformação do discurso*, aponta que Oribela “Por meio do olhar lançado sobre os fatos mais marcantes do passado, reconstrói, de forma poética, uma parte da história do Brasil”. (ABREU, 2007, p. 78). A jovem é sonhadora e possui, num primeiro momento, uma forte visão cristã do Novo Mundo, mas que vai sendo transformada através da convivência com outros tipos de cultura, com a amizade e troca de experiências com as índias, e culminando na realização da paixão sentida desde o primeiro encontro, pelo mouro Ximeno Dias.

Nesse sentido, o ambiente brasileiro no período de colonização era caracterizado por grandes desafios e novas experiências para todos que vinham para estas terras. Homens em grande maioria e algumas mulheres chegando ao Brasil em busca de novas possibilidades. Cada um com uma história precedente e cada um com um objetivo, uma expectativa para seu futuro. Aos homens havia o desafio de encontrar um novo meio de vida que pudesse oferecer melhores condições econômicas, mesmo sendo esse meio cercado por dificuldades, além do trabalho pesado e difícil.

Além disso, em Portugal tinham as chamadas confrarias nas quais eram destinadas aos cuidados das adolescentes pobres e órfãs com o objetivo de evitar que elas se perdessem em pecados e fossem mal vistas aos olhos da Igreja Católica. Então eram atribuídos dotes a estas jovens para que fossem usados no casamento ou na profissão religiosa. Parafraseando Maria Marta Araújo (2008) em *Assistência às mulheres nas Misericórdias portuguesas - séculos XVI-XVIII*, menciona que a preocupação com estas meninas era muito grande. Sem figura de um pai que as guardasse e impusesse respeito, estas crianças estavam mais desprotegidas e considerava-se que se podiam perder mais facilmente. Tornava-se, portanto, urgente, recolhê-las e dotá-las para que se tornassem mais atrativas no mercado matrimonial. As Misericórdias guardavam-nas na sociedade já casadas.

A seguir, temos uma citação de Arno Wehling em a *Formação do Brasil Colonial* no qual explica sobre o motivo da vinda de mulheres de Portugal para o Brasil, fato este que é contado no livro objeto de estudo:

A escassez de mulher brancas na colônia parece ter sido geral até meados do século XVIII. Os jesuítas, no século XVI, lastimavam-a, pois isso favorecia o concubinato e as uniões múltiplas, chegando Manuel Nóbrega a pedir o envio subsidiado de mulheres, “mesmo de mau proceder”. O governo português, nessa época, patrocinou a vinda para o Brasil de órfãs, com a finalidade de casá-las na terra. A preocupação dos jesuítas e do Governo rendeu frutos, pois Anchieta refere-se, apenas para o ano de 1584, a 458 casamentos realizados na Bahia, o que não significa, evidentemente, que todos tenham sido com mulheres brancas. Nos séculos XVII e XVIII, pelo menos até 1750, o problema continuou em quase todas as capitanias, sempre motivado pelo fato de o imigrante português, em geral, encarar a colônia como local de realização de lucros e não fixação definitiva. Em Minas Gerais, pelo menos até a década de 1730, a escassez de mulheres em idade de casar, de origem portuguesa, provocava o surgimento de filas de pretendentes, que o pai da noiva tinha dificuldade em selecionar. (WEHLING, 2012, p. 299).

Como visto, a falta de mulheres brancas na colônia preocupava a igreja, porque os homens começaram a ter relações com as indígenas, o que para a igreja esse ato era considerado pecado. Segundo Francisco Weffort (2012) em *Espada, Cobiça e Fé – As Origens do Brasil*, a mulher branca correspondia o ideal de pureza racial espiritual, tendo uma prole mais voltada ao santo e civilizado em comparação com as gentias gerando miscigenados como os mamelucos, deixados soltos na terra. À coroa portuguesa se queriam a “limpeza de sangue” e a estratificação social de forma a criar uma classe branca dominadora das terras e do comércio e fiéis aos mandos da metrópole. Por isso, toda essa preocupação em trazer mulheres brancas para a colônia.

Indubitavelmente, nota-se que no meio colonial a mulher era vista como propriedade do homem, não podia fazer suas próprias escolhas, segundo Del Priore (1993, p. 27), “adestrar a mulher fazia parte do processo civilizatório e, no Brasil, este adestramento fez-se a serviço do processo de colonização”. A igreja exercia muita influência na sociedade, no modo de viver e no quesito a sexualidade feminina. Del Priore (1993, p. 29), complementa dizendo que “a Igreja apropriou-se também da mentalidade androcêntrica presente no caráter colonial e explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher, incentivando a última a ser

exemplarmente obediente e submissa”. Se a mulher fosse obediente ao marido não iria cometer o pecado, era tida como incapaz de gerir sua vida.

No livro, *Oribela*, que tenta escapar das amarrações desse sistema, mas não consegue, é dominada pelas regras da igreja, quando vivia no convento obedeciam a ordens do responsável pelas órfãs, depois pelo marido e pelas regras da sociedade da época. A jovem não consegue expor suas opiniões, gostos, não tem liberdade com o próprio corpo, tenta fugir dessas dominações, mas não consegue. Segundo Abreu “a mulher tinha seus sentidos e sua sexualidade controlados à mão de ferro pelo macho” (2007, p. 64).

Com relação à igreja e suas preocupações a respeito de estabelecer aqui no Brasil normas de conduta semelhantes àquelas que se tinha no continente europeu, houve neste interim a necessidade de reafirmar conceitos religiosos de época que assegurassem um ideal de família. A igreja, percebendo que ocorria uma queda moral cristã na colônia, buscou no conceito divino de monogamia e família, baseando suas ações no direito canônico meios de impor à sociedade brasileira esses valores. E para garantir um modelo de família “perfeito”, coerente com o europeu destinou mulheres órfãs ao novo território, onde a demanda por mulheres brancas era grande.

Nesse sentido, Scremin (2014, p. 81), certifica que os colonizadores não se importavam com a cultura que já existia na nova terra, por isso enviaram ao Brasil as pessoas que eles queriam para “servir como mão de obra para o trabalho, outras para garantir a composição da família aos moldes europeus e outras por diferentes motivos para colonizar e formar o Brasil”. Nesse contexto encontramos a órfã *Oribela*, que é mandada de Portugal acompanhada de outras sete, a mando da Rainha para se casarem com colonos.

Conforme um trecho do livro, *Oribela* pensa sobre não ter o domínio das suas escolhas, o destino dela era escolhido e traçado por outras pessoas, é comandada pelas regras da igreja, quando vivia no convento obedecia a ordens do responsável pelas órfãs, depois pelo marido e pelas regras da sociedade da época. “Aquele era o meu destino, não poder demandar de minha sorte, ser lançada por baías, golfos, ilhas até o fim do mundo, que para mim parecia o começo de tudo, era a distância, a manhã, a noite, o tempo que passava e não passava” (MIRANDA, 1996, p. 15). Conforme Scremin (2014, p. 84) reflete sobre os sentimentos das jovens ao terem o destino de suas vidas traçadas por outras pessoas, sentiam-se tristes, indefesas, sem direito de escolha. Rodeadas de normas de condutas que as impediam de lutar por seus ideais,

seus direitos, seu poder de decisão. Mulheres que vieram para nosso país como mercadoria a fim de formar as famílias brasileiras a partir dos hábitos e costumes europeus.

Dessa forma, Scremin (2014, p. 86) aponta que em *Desmundo* temos na figura de Oribela, o exemplo de mulher que deve ser submissa ao seu esposo, mas mostra-se relutante. A jovem é a voz que simboliza os desejos íntimos da mulher no período colonial. Ela não aceita a sua condição de inferioridade feminina e clama por seus direitos de escolha e a todo momento é controlada, forçada a reprimir seus desejos, vontades, em um período em que a mulher era contida, tinha apenas fins de procriação e servir ao marido as suas vontades. Entende-se que Oribela vivia no Brasil em um DESMUNDO, atribuiu-se esse nome por conta do modo como a personagem era obrigada a viver, a infelicidade em que vivia.

Além do mais, as órfãs eram ensinadas algumas maneiras de como deveriam se comportar como boas e educadas moças, no livro *Oribela*, cita algumas delas:

Não querer com os olhos catar ora aqui ora acolá, não atalhar as palavras de quem fala e ouvir, que é sábio, não cuspir em ninguém nem diante de alguém, não consentir que cheguem ao corpo, não repreender os outros mas a si mesmo, não tomar emprestado dinheiro ou veste, limpar o corpo por fora como por dentro, saber ser menos que todos os outros, não provar de tudo à mesa, não querer saber onde estão as baixelas dos inimigos, falar pouco e baixo, diante de uma porta, bater ou chamar e entrar só se mandarem. Tantas coisas nos ensinavam para nos lustrar e ver se havia entre as órfãs da rainha uma que fosse mais proveitosa (MIRANDA, 1996, p. 40).

Contudo, antes de casar com Francisco Albuquerque, a jovem já descumpriu uma dessas regras como temos na passagem “o homem me veio a mirar e no rosto lhe cuspi” (MIRANDA, 1996, p. 55). Após este ato a moça é penalizada pelo seu responsável “no sacrário me fez em joelhos rezar por perdão de minha rebeldia, me deu pancadas nas mãos até ver meu sangue (MIRANDA, 1996, p. 56). Além dos desaforos e humilhação, Oribela é castigada fisicamente, o que mostra claramente a condição no que concerne a falta de liberdade ou de escolha da mulher na época e ao tratamento desumano a que eram submetidas.

De acordo com Wehlin (2012, p. 284) fala sobre a sexualidade feminina na época colonial na qual “manifestava-se sob vários aspectos, sempre esgueirando-se pelos desvãos de uma sociedade misógina e suportando a culpa do pecado a ela atribuído pela Igreja. A mulher podia ser mãe, irmã, filha, religiosa, mas de modo

algum amante”. Confirma-se este fato com um trecho do livro em que temos, sob o mesmo ponto de vista “e nos mandaram em joelhos rezar, que fazíamos poucos de nossos ímpetos mulhereis dados ao demônio que devíamos temer e vigiar, vivia o Mau dentro de nossas almas negras, para não sermos arrebatadas pelo espírito do maligno e que depois nos fôssemos confessar de joelhos (MIRANDA, 1996, p. 41).

Assim, sem ter o poder de escolha do marido, temos um enxerto no qual a jovem descreve a fisionomia do homem que foi selecionado para desposa-la:

Um homem de chapéu ao peito, criador de vacas, com aspecto grave e severo arrazoou [...]. Seu aspecto era o de cão dando, lhe faltavam dentes, tinha pernas finas, nariz quebrado, da cor de um desbotado seus olhares. Cheirava a vinho de açúcar, usava um chapéu roto, tinha tantos pelos a modo de uma floresta desganhada e estava sujo, imundo. A pele de seu semblante parecia uma pedra lavada corroída pelas ventanias e pelas formigas, feita num áspero burel, seus cabelos como cerdas de javali de que se faziam cilícios (MIRANDA, 1996, p. 55).

Nesse sentido, observamos que o pretendente era um homem muito mais velho, chamado Francisco Albuquerque, primo da esposa do governador. Oribela deixa bem claro que preferia “ser presa e açoitada do que casar com aquele” (MIRANDA, 1996, p. 58). Em seguida temos a descrição do que era para ser a noite de núpcias com o marido, mas tornou-se em uma noite de sofrimento e dor, tanto de forma física quanto psicológica, a jovem é forçada a ter a primeira relação sexual com o marido, “Quem seria, que inventou de haver uma fêmea e macho e fazer uns mais fortes e umas mais débeis, que nem meus braços davam conta dos dele nem as pernas dele se apiedavam das minhas, que eu estava a temer de me quebrar os ossos e rasgar pela metade” (MIRANDA, 1996, p. 77).

Além disso, a jovem questiona sobre a fragilidade feminina. Francisco cobrou o seu “direito” como marido “Ele me abriu, explorou e olhando no lume a cor do molhado, de sangue, abanando a cabeça disse. Verdade disseste e agora és minha, terás o que quiseres, ao meu lado” (MIRANDA, 1996, p. 77). Percebe-se a agonia, o espanto, o medo da jovem. Após o ato consumado, o homem, considera, Oribela, agora como mais uma posse sua, na qual ele manda e comanda, tratada apenas como um objeto de prazer seu marido, o qual, tem as bênçãos da igreja e a sociedade ao seu lado.

Além do mais, a personagem principal, Oribela, está em constante conflito entre o santo e o profano, o que evidencia que a sociedade da época também estava neste

conflito. Muitas vezes davam atenção às colocações da igreja e outras acreditavam que o homem e a Ciência merecessem maior atenção. No discurso da jovem alternam um vocabulário sacro e de baixo calão. Sua preocupação se vai para o céu ou para o inferno. Conflito comum para o indivíduo da Idade Média, que se sentia abandonado por Deus, à mercê de uma Igreja impiedosa e dominadora. Oribela é fruto do adultério de sua mãe, por essa razão fora sempre torturada física e mentalmente pelo ódio e despeito do pai. É uma pessoa confusa, sinônimo de sofrimentos, uma pobre vítima do destino. Muitas vezes ela se comporta de maneira otimista, cheia de sonhos e esperanças, porém, em outras, não aceita o casamento com Francisco de Albuquerque e o repele constantemente.

Oribela, por sua vez, tem de lutar muito, primeiramente, consigo mesmo, para livrar-se dos preconceitos que carrega e, depois, para conquistar o seu espaço, o seu lugar na sociedade. A liberdade, ao mesmo tempo em que é desejada, é, também, temida por ela. Por isso a necessidade de rever o passado, resolver os conflitos e, finalmente, tomar posse de sua existência. (ABREU, 2007, p. 71-72).

Dessa forma, memória de Oribela está repleta de lembranças do passado e expectativas com relação ao futuro, presa a um mundo muito particular e subjetivo, em qualquer outro momento que não seja o agora. Torna-se uma mulher perturbada por uma mente que rememora os fatos do passado e planeja o futuro, esquecendo-se de viver ou valorizar o seu presente.

Assim, ao não suportar mais viver com o marido Oribela, tenta fugir da posse do “seu dono”, em uma das vezes é estuprada por uns homens na praia, como veremos abaixo:

Mas logo me alcançaram, na areia rasgaram a minha camisa e se lançaram sobre mim, se servindo um como esposo, outro me agarrando as mãos. Por amor de Deus, não me façam mal, eu pobre mulher te peço com lágrimas prostrada, que não arranques tua força contra minha fraqueza porque sou mulher. (MIRANDA, 1996, p. 111).

Após essa fuga teve consequências ainda mais graves para Oribela que passou a viver amarrada e sem a atenção do marido, visto em “Em casa amarrou com a corda me prendendo aos pés do catre [...]”. (MIRANDA, 1996, p. 113). Complementa-se a ideia com as palavras de Abreu (2007, p. 71) em meio a essa conscientização, de reconhecimento de sua identidade, Oribela adota uma postura de repúdio e de não aceitação do destino que lhe foi imposto. Esta é portanto, uma

personagem em processo, pois se transforma, paulatinamente, à medida que se vê refletida na narrativa. O seu olhar sobre o novo mundo causa-lhe fortes impressões, que se manifestam por um comportamento transgressor.

Ximeno causa na jovem sentimentos, sensações que ela não tem pelo marido. A primeira visão que Oribela teve do mouro, arrebatando-lhe o coração: “Um homem de cavalo, vestido ricamente e com bota de cordovão, capa, sombreiro, seguido de seus escravos naturais com armas e mais uns negros de Guiné, tilintando de metais, cintilando raios” (MIRANDA, 1996, p. 27). Oribela no seu primeiro contato com o mouro passa a sentir com intensidade certa atração quando o vê, mas entra em grande conflito ao perceber o que está sentido, nota-se que todo conflito está atrelado às convenções da Igreja e não aos laços do matrimônio – Oribela estava traindo Deus e sua fé, e não ao seu esposo. A jovem torna confusos seus sentimentos e convicções, num misto de tentação, pecado, amor, liberdade e reconhecimento de que ele também sofre preconceitos por pertencer a uma minoria, os desprezados da sociedade portuguesa.

Dessa forma, conclui-se que, entre uma série de outros acontecimentos reconhecemos uma mulher que conta sua história, tornando-se a única voz da narrativa, apresentando apenas a sua visão de todas as personagens, conta sua infelicidade na vida que leva, representando a submissão da mulher europeia em um tempo em que não pode escolher seu próprio destino, vimos o processo de adestramento que as mulheres passaram naquela época, eram reprimidas a sexualidade, desejos e vontades. Viviam presas sob a dominação das regras da religião, do marido que controla sua vida e as exploravam. Oribela, tenta escapar dessas amarrações, mas não consegue. Além disso, experimenta novos sentimentos com um mouro mas entra em conflito com suas convicções religiosas.

Considerações finais

A leitura do livro *Desmundo* leva o leitor a uma viagem espetacular por um Brasil que ainda está sendo desbravado, as riquezas naturais são descobertas aos poucos. A obra retrata uma realidade que durou muito tempo, em que a figura da mulher ficou restrita aos cuidados do lar e do marido, como se ela fosse um objeto da casa com funções bastante específicas. Era obrigada a casar com um homem sem

direito de escolha ou poder de decisão, pois sua vida era destinada por seus pais e os interesses eram mais significativos que os sentimentos.

Por meio da autora Ana Miranda, podemos ouvir a voz calada que se faz entender pelos pensamentos de uma órfã europeia. E a partir desta voz percebemos claramente que a mulher mesmo em silêncio sempre desejou ser ouvida. Mesmo com uma vida íntima que a desagradava, ansiava por algo melhor. Mesmo com suas ações obedientes e mecanizadas, sonhava em poder decidir por ela mesma o que fazer de sua própria vida. A escritora apresentou em seu livro um mundo desconstruído, desiludido, destruído, e desmoronado formado pelo prefixo “des”. Um mundo que violentou a mulher de todas as formas possíveis.

Desmundo nos faz perceber o mundo através dos olhos de Oribela, como se estivéssemos ao seu lado, no seu tempo, sentindo com ela todas as dores e dissabores da vida, e ao mesmo tempo nos faz refletir sobre o que temos no mundo hoje, motiva a preocupação com a vida das mulheres, se ainda há aquelas que sofrem com as desigualdades e como se portam diante disso. Também paramos para refletir e concluir que muitas injustiças ainda são praticadas contra as mulheres.

Em síntese, pode-se afirmar então que a proposta de trabalho tendo como componente central de análise do livro *Desmundo*, cumpriu os objetivos previstos inicialmente, baseando-se em aspectos históricos e literários para analisar a representação da mulher no período colonial. Mostrou-se os laços de ligação do diálogo entre a literatura e a história no livro constatou-se a importância desse tipo de pesquisa tanto para o meio social, literário e até histórico, pois livro é de grande importância para a leitura de todos, pois permite uma visão sob um ângulo diferente do início da colonização do Brasil e o processo de desbravamento das outras regiões, relata o modo de vida colonial e o surgimento desse novo país de extensão continental, cheio de riquezas e mazelas

Espera-se que com este artigo desperte a curiosidade e a vontade de mais pesquisadores por esse assunto e por esse livro de Ana Miranda, o qual permite várias reflexões nos leitores, este, podendo analisar vários aspectos contidos na obra, como exemplo a questão da influência da religião nas relações e modo de viver, o relacionamento dos indígenas com os portugueses, enfim, tem um leque profícuo de possibilidades para novos trabalhos.

Referências

- ABREU, Marizéte Borges de. *Do histórico ao literário: As personagens femininas como agentes de transformação do discurso*. 2007. 69p. Dissertação (mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. *A assistência às mulheres nas Misericórdias portuguesas - séculos XVI-XVIII*. Nuevo Mundo, 2008.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: *História das mulheres no Brasil*. 2. Ed. PRIORE, Maria Del (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- BARROS, J. D'A. *HISTÓRIA E LITERATURA* - novas relações para os novos tempos. Contemporâneos Revista de Artes e Humanidades, nº6, mai-out 2010. p. 10.
- BURKER, Peter (org.). *A Escrita a história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. - (Biblioteca básica).
- BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992
- CHARTIER, R. Debate - *Literatura e História*. Topoi Revista de História, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, jan./dez. 2000.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, RJ: José Olímpio; Brasília, DF: Edunb, 1993.
- ESTEVES, Antonio Roberto. *O romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras*. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 42, n. 4, p. 114-136, dezembro 2007.
- FRANZ, Priscila Reis. *A viagem de Oribela em Desmundo*. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008.
- FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura – A fonte fecunda*. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92
- FREYRE, Gilberto. 2000. *Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1*. Rio de Janeiro: Record.
- GOMES, Cláudia Espíndola. *Oribela: o uno que se desdobra*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000 (Dissertação de mestrado)
- MORAES, Eunice. *Refigurações de nação no romance histórico e a paródia moderna, de Ana Miranda*. Curitiba: UFPR, 2009, (Tese de Doutorado)

MIRANDA, A. *Desmundo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA, Wander de Melo. Ana Miranda abre caminhos em selva de signos. O Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.anamirandaliteratura.hpgvip.ig.com.br/>> Acesso em: 03 de dez. de 2021.

NÓBREGA, Manoel da. (1517-1570). *Cartas do Brasil*. BH: Itatiaia, SP: EDUSP, 1988.
PAVAM, Rosane. DESMUNDO. Revista de Cinema. <www.revistadecinema.com.br>. Acesso em 11 de set. de 2021.

OLIVEIRA, C. M. *Aspectos coloniais - A opressão do feminino na obra Desmundo*, de Ana Miranda. Expressão (Santa Maria), v. 1,2, p. 49-59, 2014.

POSSANI, Taíse Neves. *Ana Miranda, leitora de Clarice Lispector*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande. 2009.

REIS, Carlos. LOPES, Ana. Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SHARPE, Jim. *A história vista de baixo*. In A Escrita da História: Novas Perspectivas/ Peter Burke (org.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1992.

SCREMIN, Sueli Santos. *Uma análise da obra Desmundo, segundo as perspectivas da memória e da história*. 2014. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba. 2014.

WEFFORT, Francisco. *Espada, Cobiça e Fé – As Origens do Brasil*. Civilização Brasileira, 2012, p. 185-186. ISBN 8520011241

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. – *Formação do Brasil Colonial*. Nova Fronteira, 2012, p. 285, 299, 300. ISBN 8520930506.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WHITE, E. G. *O grande Conflito*, 2013. UNASP. Disponível em: http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O_Grande_conflito.pdf – acesso em: 24 Set. de 2021.

ZORZO, Solange Salete Toccolini. *A voz ex-cêntrica da personagem Oribela em Desmundo*. Policromias, dezembro de 2017, ano II, p. 111.